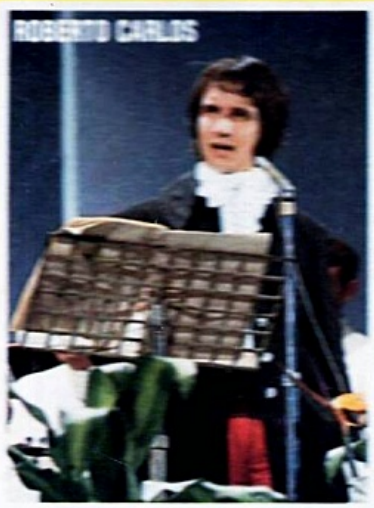
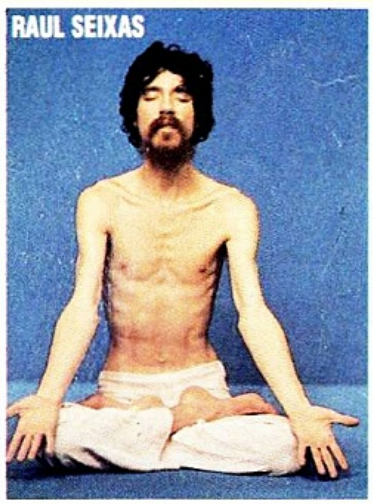
GRÁTIS! 70 ADESIVOS NESTA EDIÇÃO

BIZZ ESPECIAL

ÍDOLOS DO ROCK

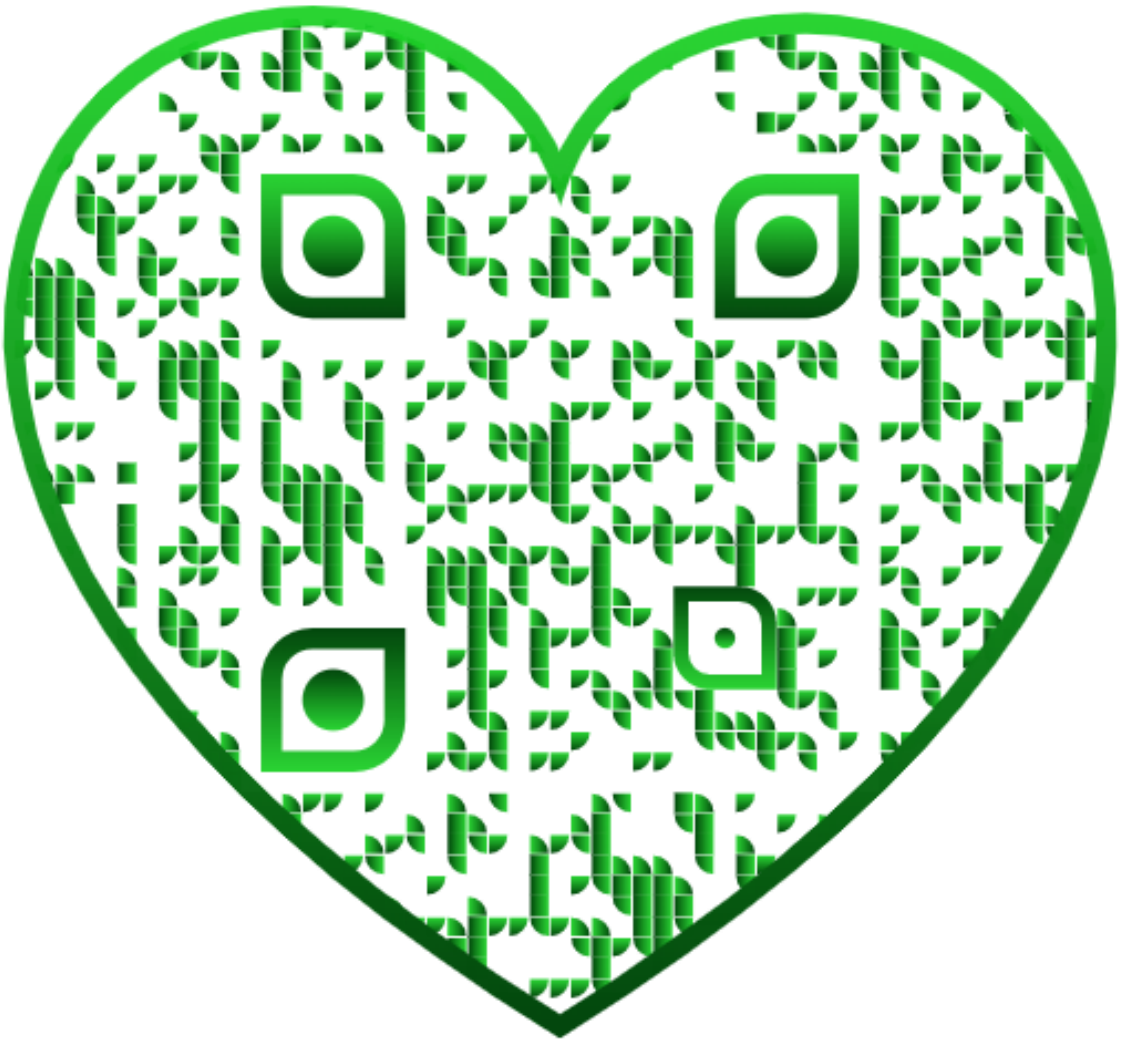
A HISTÓRIA DO ROCK NO BRASIL





OS PRIMEIROS TEMPOS ★ JOVEM GUARDA ★ A TROPICÁLIA E OS MUTANTES ★ RAUL SEIXAS E O ROCK NOS ANOS 70 ★ A EXPLOSÃO DOS ANOS 80

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 124,00 5605



ÍDOLOS DO ROCK

Abril

Fotos dos adesivos: Abril, Lew Parrella/Abril, J. Ferreira da Silva/Abril, WI A, Carlos Sather/Abril, Abraham Lincoln/Abril, Cynira Arruda/Abril, Renato dos Anjos/Abril, S. Bourscosky/Abril, Jorge Rosenberg/Abril, Bob Wolfenson/Abril, CBS, Geraldo Luis Gomes/Azul, Luizinho Coruja/Azul

ÍNDICE

4 PRÉ-HISTÓRIA *O REINADO DE CELY CAMPELLO*

6 JOVEM GUARDA *O "REI", O "TREMENDÃO" E A "TERNURINHA"*

9 TROPICÁLIA *É PROIBIDO PROIBIR*

12 ANOS 70 *ROCK COM CARA DE BANDIDO*

16 ANOS 80 *A INVASÃO*

Fotos de capa: Rui Mendes, Azul (RPM), Abril (Mutantes, Roberto Carlos), Lucio Marreiro, Abril (Raul Seixas), Claudia Dantas, Azul (Legião Urbana)

CARTA AO LEITOR

Enfim, uma história do rock no Brasil! Não, marinheiros de primeiras viagens, o rock não aconteceu ontem, quando aqueles mocinhos bonitinhos invadiram os tímpanos de todos nós com uma canção que falava de garotas e cervejas. Começou meio tímido — com versões cantadas pela vozinha de boa moça de Cely Campello —, teve seu primeiro estouro na Jovem Guarda, nutriu e foi nutrido pela MPB, atravessou sua fase maldita e dispersa nos anos 70, mas acabou por vencer (por insistência?) nos anos 80.

Esse tal de rock'n'roll, do lado debaixo do Equador, tem uma história cheia de lacunas, de buracos negros e explosões efêmeras, de esquecimentos imperdoáveis e consagrações injustificadas... Afinal, é só o roteiro inacabado de um filme. Ainda há muita história por fazer...

P.S. I — Fizemos uma discografia com os discos que fizeram essa história: Uma espécie de trilha sonora com os momentos mais significativos.

P.S. II — Tem também adesivos com as imagens e frases mais marcantes do rock nacional.

A REDAÇÃO

Rui Mendes

Abril

PRÉ-HISTÓRIA

ENGATINHANDO NO ROCK

No princípio, eram as versões. Enquanto o pessoal da bossa nova relia o samba via jazz, os "reis e rainhas" do rock cantavam em português os hits americanos

Abril

O ano é 1959. O país respira a euforia da construção de Brasília e a TV, com nove anos de vida, começa a ocupar definitivamente o lugar do rádio. Em São Paulo, Sérgio "Tony" Campello, cantor em início de carreira, acompanha a irmã em sua segunda gravação pela EMI-Odeon. É apenas o lado B de um disco, mais uma versão de Fred Jorge. "Oô cupido, vê se deixa em paz...", suplicava a voz tímida da menina Célia, alías Cely, na versão de "Stupid Cupid", hit de Neil Sedaka e H. Greenfield. Em poucos dias, a música alcançava o primeiro lugar nas paradas, e Cely Campello, aos 16 anos, conquistava o posto de "namoradinha do Brasil" Voz doce, rebeldia controlada, romantismo ingênuo: era essa a receita de Cely, que reinaria suprema em todo o período pré-Jovem Guarda.

O sucesso de Cely não aconteceu por acaso. Já há algum tempo as gravadoras vinham procurando ídolos jovens. Até então, o "rock brasileiro" resumia-se a covers realizados por grupos e intérpretes que se pretendiam estrangeiros como os Playings e os Rebels e a versões, quase sempre entregues às mãos competentes de Fred Jorge e interpretadas por cantores populares. A façanha de "Estúpido Cupido" veio superar o maior sucesso do nosso rock nascente: a balada "Diana", de Paul Anka, na interpretação de Carlos Gonzaga. Ao lado de Nora Ney — responsável pela tímida entrada tupiniquim no mundo pop, com uma regravação de "Rock Around the Clock" e Lana Bitencourt, Carlos Gonzaga representou a primeira geração do nosso rock. Entre os expoentes dessa fase, está ainda Cauby "Ron Cobby" Peixoto.

A entrada de Cely deu novo impulso à música jovem, e as gravadoras saíram em busca de novos ídolos. O estouro nacional de "Marcianita" coloca Sérgio Murilo entre os favoritos do público. Em 1961, a *Revista do Rock* convoca os leitores para uma votação e o resultado não deixa dúvidas: Cely Campello é a rainha do rock; Sérgio Murilo, o rei. Abaixo deles, um séquito de cantores: Demétrius, com seu topete à Elvis Presley, cantando "Ritmo da Chuva"; Wilson Miranda, com uma versão para "Long Tall Sally"; George Freedman, com "Adivinhão", de Baby Santiago; e, ainda, Tony Campello correndo atrás do êxito da irmã.

O rock invade a rádio e a TV Na Record, em São Paulo, Cely apresenta ao lado de Tony Campello o programa

Crush em Hi-Fi, que briga pela audiência com *Alô Brotos*, na Tupi. No rádio, programas como *Os Brotos Comandam*, na Bandeirantes de São Paulo, lançam os novos sucessos.

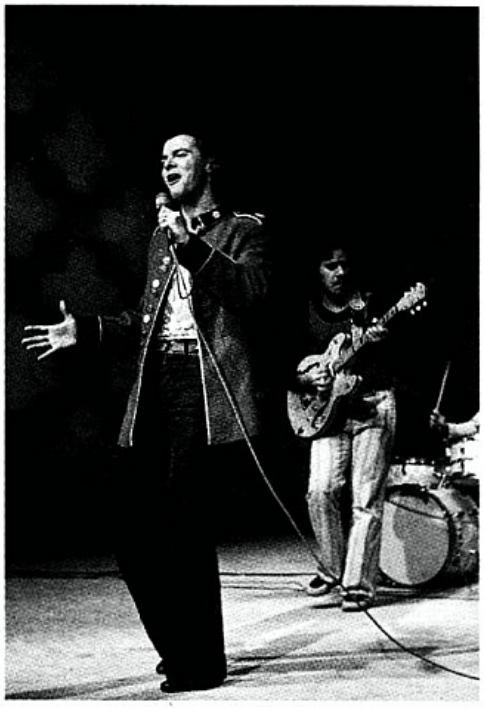
A festa não duraria muito. Em 1962, Cely decide abdicar o seu reinado e retomar um antigo sonho: o casamento. O rock nacional começa a observar uma lenta decadência, enquanto a bossa nova ganha força.

Em 1964, seria a vez de Ronnie Cord, nascido Ronaldo Cordovil, emplacar "Rua Augusta" Enquanto isso, em São Paulo, um cantor jovem começa a aparecer nas paradas. Com "Calhambeque", Roberto Carlos conseguia, pela primeira vez, sair do anonimato. E abria-se um novo caminho para o rock, distante das baladas românticas de Demétrius e com características que o diferenciariam do rock produzido no resto do mundo.

Era o primeiro de muitos sucessos da dupla Roberto-Erasmo. Ou então: foi assim que tudo começou... Na verdade, havia começado alguns anos antes, em 1958, quando os dois, junto com um tal de Tim Maia, formavam The Sputniks, sucesso nos bailes cariocas. Depois de um começo equivocado imitando João Gilberto, na balada "João e Maria" e um LP inexpressivo pela CBS, Roberto chama a atenção do público com "Splish Splash" e "Parei na Contramão", em 1963. As portas se abrem também para Erasmo, que grava "Terror dos Namorados" e "Jacaré" Ele gravaria ainda "Minha Fama de Mau" e "Amor Doente" antes de embarcar com Roberto em um novo projeto, um programa de TV

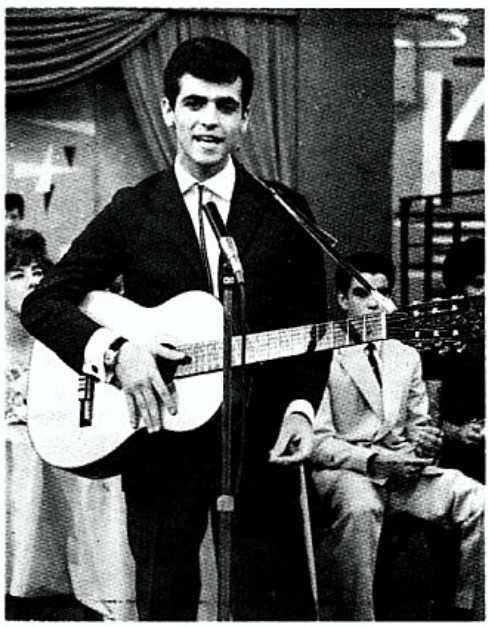
Outras pistas denunciavam o início de uma nova fase. Aos poucos, os espaços nos programas de rádio e TV vão sendo ocupados pelos grupos, substituindo os cantores da pré-Jovem Guarda. São os Clevers, que mudariam depois o seu nome para Os Incríveis; os Jet Blacks, que gravam o primeiro LP em 1963; e os Vips, uma das duplas de maior sucesso na Jovem Guarda. Completando o quadro, uma nova cantora, com apenas um 78 rpm gravado, com a canção "Meu Anjo da Guarda": Wanderléa. As peças estavam lá faltava apenas montar o quebra-cabeça.

Em 1965, a Federação Paulista de Futebol decide proibir a transmissão direta pela TV dos jogos do campeonato. A TV Record resolve investir em uma nova programação, destinada ao público jovem. Uma agência de publicidade apresenta uma proposta: um programa musical, comandado por dois rapazes e uma garota. Estava montado o quebra-cabeça: daqui pra frente, as *garotas papo-firme* e os *bandidões* não sairão da frente da TV nas tardes de domingo. Afinal, o novo programa... *é uma brasa, mora!*


Abril

Abril

Abril


Abril

Além dos irmãos Campello, Cely e Tony, completavam o time dos pré-históricos do pop brasileiro: Demétrius, o cantor das baladas românticas (no alto, à esquerda); Wilson Miranda (no alto, à direita); Sérgio Murilo, o rei do rock (acima); e Ronnie "Subi a Rua Augusta a 120 por Hora" Cord

Fotos Abril

O calhambeque da Jovem Guarda vinha quente para uma juventude que estava fervendo. Bombeiros eram inúteis. Guitarras elétricas e a atitude pop vieram para ficar

É PAPO FIRME

JOVEM GUARDA

Você deve ter reparado no título que abre a primeira parte desta edição: Pré-história. Pois bem, perguntará o leitor: qual é, então, o marco definitivo que consolida a entrada dos nossos músicos no circo do rock'n'roll? Talvez não exista esse marco. Mas a verdade é que quando Roberto Carlos pisou pela primeira vez no palco do teatro Record, em setembro de 65, para apresentar o programa *Jovem Guarda*, estava, sem saber, dando um passo definitivo para a história do rock no Brasil. Pela primeira vez, o público brasileiro conheceria de perto o som das guitarras elétricas. O novo ritmo assumiria ares de movimento nacional, dominando as paradas e conquistando espaços significativos no rádio e na TV

Nessa parada, Roberto Carlos não estava sozinho. De acordo com o projeto da Agência de Publicidade Magaldi, Maia & Prosperi, três apresentadores dividiriam o comando do programa. Roberto Carlos seria o "Rei da Juventude"; Erasmo Carlos, o "Tremendão" e Wanderléia, a "Ternurinha" Não eram só apelidos, e sim verdadeiras marcas, no sentido comercial [illegible] gistradas ao lado do nome do programa, *Jovem Guarda* — [illegible] de uma frase de Lênin (?!?!).

A resposta do público veio rápida e fulminante. Em pouco tempo, as tardes de domingo eram da turma da Jovem Guarda, que assumia também todos os postos das paradas. A nova moda [illegible] nos lares, nos ouvidos e nos guarda-roupas. Para os rapazes, [illegible] da era usar cabelos compridos cortesia dos Beatles — e [illegible]

colantes de duas cores, com as indispensáveis bocas-de-sino. Como complemento, cintos e botinhas coloridas. A minissaia era a peça básica da garota papo-firme, sempre acompanhada por botas de cano alto.

E a música? O modelo, em plena década de 60, não poderia ser outro, a não ser os quatro rapazes de Liverpool. O estouro mundial não livraria os Beatles de uma das mais arraigadas tradições do rock brasileiro: as versões. Responsáveis pelos maiores sucessos de Renato e os seus Blue Caps, elas só perderiam em impacto para as composições da dupla Roberto-Erasmo, síntese do pensamento da Jovem Guarda. O som rotulado como iê-iê-iê remete ao início dos Beatles e ao rockabilly dos anos 50. Nas letras, nada de rebeldia, sexo, drogas ou crítica social. O ingrediente que recheia versos e mais versos simplórios, quase infantis, é o amor, na sua forma mais convencional: namoro no portão, beijos, casamento... A rebeldia, em tempos de ditadura pós-golpe de 64, se restringia aos cabelos, às roupas e à gíria. "É uma brasa, mora!" é uma frase tão marcante que se torna propriedade da agência de Carlito Maia. Ávida por fazer parte da onda, a juventude consome ferozmente os produtos lançados pela agência — calças, camisas, sapatos etc. e venera seu ídolo maior, o "Brasinha" Roberto Carlos, com direito a demonstrações de histeria dignas da Beatlemania.

A dupla Roberto-Erasmo colhe os frutos de uma trajetória com traços até dramáticos. Conta a história que o destino colocaria o menino Roberto Carlos Braga nos caminhos da música pop. Atropelado por um trem em sua cidade natal, Cachoeiro do Itapemirim (Espírito Santo), Roberto deixa de lado as peladas e passa a estudar piano, canto e violão. O encontro com Erasmo acontece em 58, depois da mudança para o Rio. A experiência com os Sputniks e a passagem por vários programas de rádio levam Roberto ao musical da TV *Clube do Rock*, de Carlos Imperial. O primeiro êxito vem com "Parei na Contramão", parceria com Erasmo, depois de vários 78 rpm e um LP fracassado.

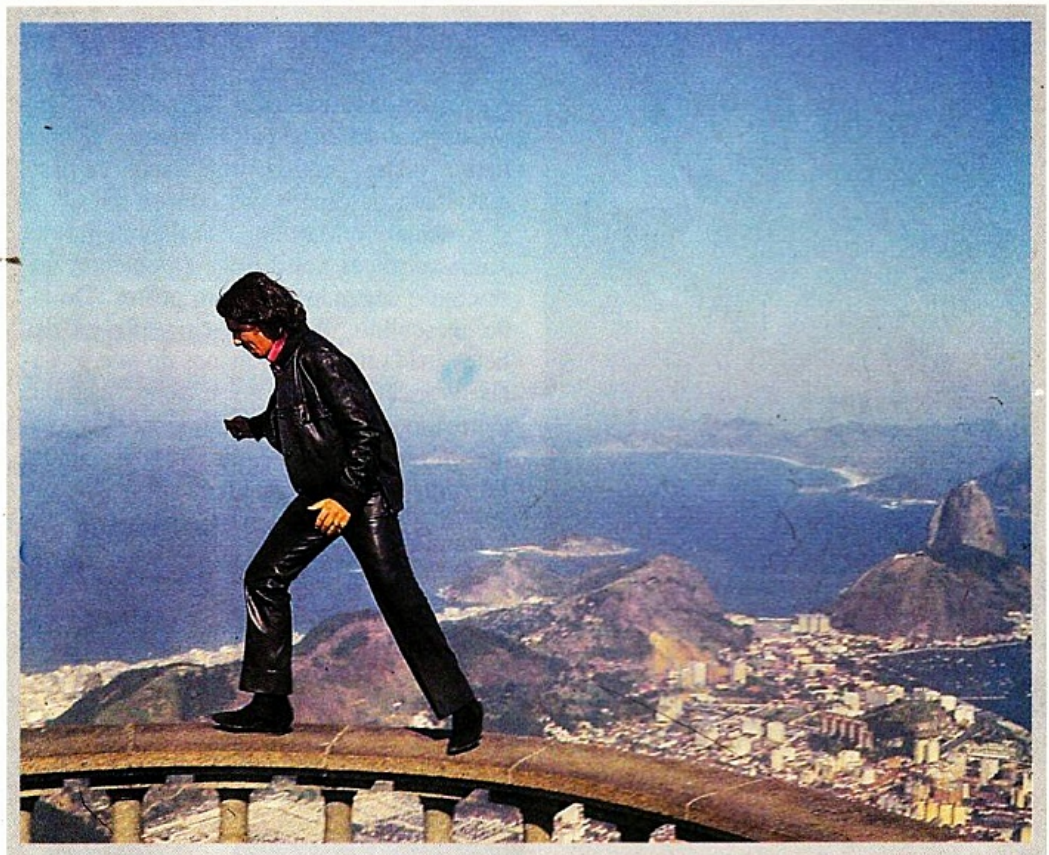
No auge da Jovem Guarda, em 66, Roberto conheceria seu maior hit até então. "Quero que Vá Tudo Pro Inferno", outra parceria com o Tremendão, transforma-se no hino do movimento. "Pode Vir Quente que Eu Estou Fervendo", "Eu Te Darei o Céu" e "Querem Acabar Comigo" vêm a seguir, liderando as paradas ao lado das canções da Ternurinha.

Com gestos suaves e provocantes, Wanderléia pede ao juiz que pare o casamento, "... por favor!" No palco com Roberto e Erasmo, ela não hesita em usar sua maior arma para conquistar a platéia. A sensualidade sutil, é claro transparece nas calças pretas, sempre muito justas, e nas minissaias curtíssimas, para desespero das concorrentes.

Rosemary e Martinha não tinham mesmo muitas chances nessa briga e contentavam-se com o segundo e terceiro postos. Do lado masculino, dividindo os gritinhos das tietes, nada mais nada menos do que os galãs Wanderley Cardoso e Jerry Adriani. Correndo por fora, velhos conhecidos como Sérgio Reis, Ronnie Von e, ainda, Eduardo "O Bom" Araújo.

Dezenas de grupos fariam o pano de fundo da Jovem Guarda. No alto, Os Incríveis, embalando os amantes dos Beatles e dos Rolling Stones. O espaço estava aberto também para as duplas — acima, Os Vips. Quem não se lembra de canções como "Filme Triste" e "Festa do Bolinha"? Com vocês, o Trio Esperança (à direita)

Renato (de gravata) e Seus Blue Caps: sucesso com versões dos Beatles. E dá-lhe Roberto Carlos: com o parceiro, "amigo de fé, irmão, camarada"; psicodélico no Jovem Guarda *e piloto no filme* A 300 Quilômetros por Hora

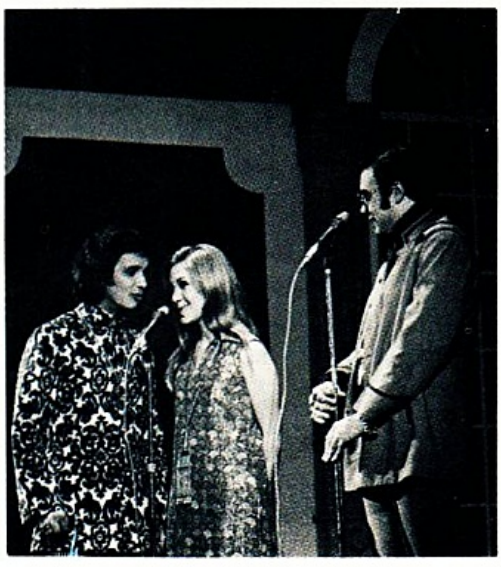


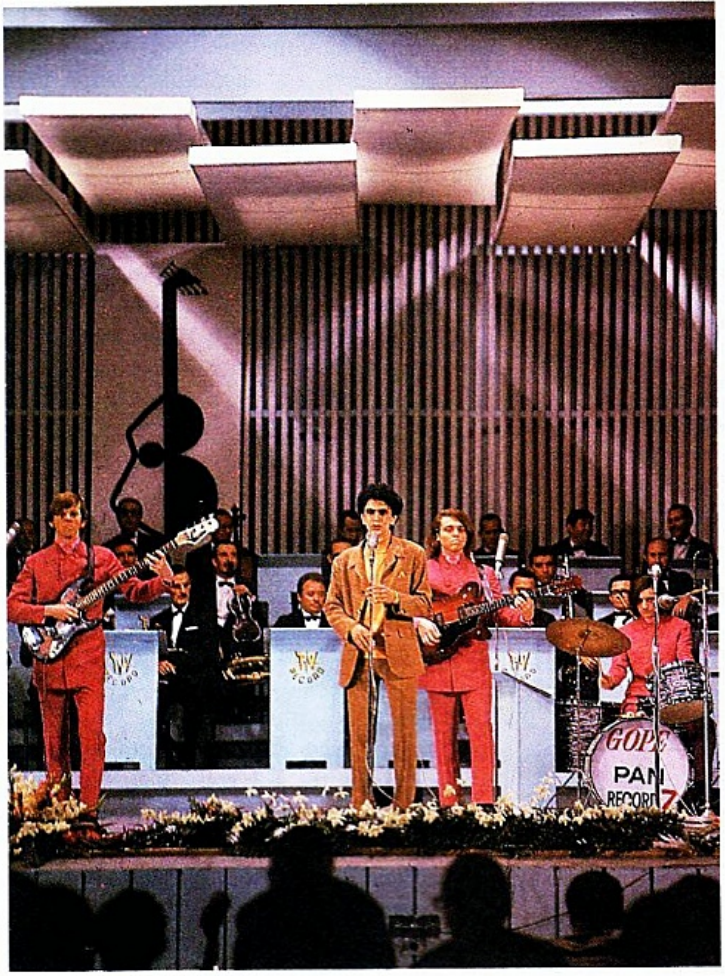
Quem só conhece o Roberto Carlos atual, dificilmente poderá imaginar "o outro", o rei da Jovem Guarda. Verdadeiro rock'n'roll. Com a ajuda do diretor Roberto Farias, produziu e interpretou três filmes que conseguiram levar para a tela toda a loucura que a Jovem Guarda representou, com a grande força do Tremendão e da Ternurinha. O trio perfeito: o herói, o escudeiro e a namoradinha eterna e pura. O primeiro filme foi *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura*, lançado em 1968, algo do tipo James Bond misturado com *Help*, dos Beatles. O segundo filme, mais do tipo Spielberg, rodado no Japão e Israel, foi *O Diamante Cor-de-Rosa*. O terceiro, certamente o melhor, foi o mais "brasileiro": *A 300 Quilômetros por Hora*, onde Roberto Carlos interpretava um mecânico pobre, que, na última hora, substitui o piloto, ganha a corrida e a mulher do piloto. É mole?

Nico Pereira de Queiroz

O novo movimento herdará da pré-história os conjuntos com os nomes estrangeiros: Jet Blacks, Jordans, Fevers e Golden Boys faziam o pano de fundo para toda a agitação. Os grandes êxitos, no entanto, ficaram para Os Incríveis (ex-Clevers) e para o Trio Esperança. Os primeiros, com "Era um Garoto que Como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones", e o trio Evinha, Regina e Mário, com "Festa do Bolinha", embalavam os bailes da turma. Era a época, também, das duplas. "Pobre menina, não tem ninguém...", cantavam Leno & Lilian, disputando o carinho das fãs com Os Vips e Deni & Dino.

Depois do "boom" inicial, em 66, a Jovem Guarda começou a demonstrar os primeiros sinais de fraqueza. O esquema armado pela agência de Carlito Maia não apresentou o resultado esperado. O não pagamento dos direitos e a imitação dos produtos originais por outras empresas foram fatais para os donos da *Jovem Guarda:* O programa acabou sendo vendido para a Shell. Ao mesmo tempo, Roberto Carlos começava a perceber outros caminhos além do horizonte. A vitória no Festival da Canção de San Remo com "Canzone Per Te" do italiano Sérgio Endrigo e a ação do novo empresário Marcos Lázaro aceleram o processo, que transformaria Roberto no maior ídolo romântico desse país. Em 69,. o programa Jovem Guarda sai do ar. A missão havia sido cumprida: vencendo a resistência dos herdeiros da Bossa Nova que chegou a formar uma frente ampla contra a "música alienígena" —,a Jovem Guarda abriu os caminhos para o que viria a seguir. À Tropicália caberia o reconhecimento da sua importância e a radicalização das propostas, numa época de grande agitação política e dos grandes Festivais da Record, lembra-se? Provavelmente, não. Então, vá em frente...





"O poeta desfolha a bandeira a manhã tropical se inicia..." Guitarras elétricas mandando bananas para o conservadorismo estéril da MPB e para a rebeldia comportada da Jovem Guarda

TROPICÁLIA

OS ACORDES DISSONANTES

Primeiro lugar: ''Ponteio'' de Edu Lobo e Capinam, com Edu Lobo, Marília Medalha e Quarteto Novo.

Segundo lugar: ''Domingo no Parque'' de Gilberto Gil, com Gilberto Gil e os Mutantes.

Terceiro lugar: ''Roda Viva'' de Chico Buarque, com Chico Buarque e MPB-4.

Quarto lugar: ''Alegria, Alegria'', de Caetano Veloso, com Caetano Veloso e Beat Boys.

Quinto lugar: ''Maria, Carnaval e Cinzas'', de Luís Carlos Paraná, com Roberto Carlos e O Grupo.

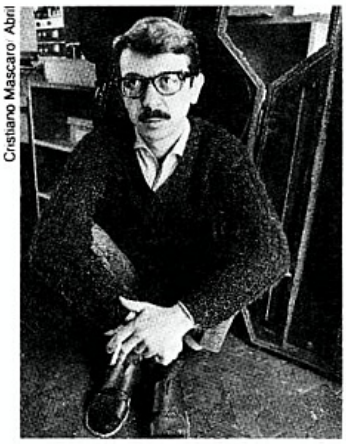
No palco do teatro Record, são anunciados os vencedores de mais um festival. Estamos em 67 O clima é de agitação política. Nas ruas, universitários protestam contra o regime instalado no país. Na música, as atenções não estão mais voltadas para o programa *Jovem Guarda*, nas tardes de domingo. Sintonizados na Record, os brasileiros torcem, vibram, vaiam e choram com a nova mania nacional: os Festivais.

Este é o terceiro. Dividindo o palco com a MPB ''autêntica'' devidamente representada por Edu Lobo — e com o Rei da Juventude, dois baianos, vestindo roupas estranhas e cantando ao som de guitarras elétricas.

É a explosão da Tropicália. Até então, tanto Caetano quanto Gil pareciam fechar com a MPB. Caetano, um LP gravado, ficara conhecido pelo público mostrando seu conhecimento musical no programa ''Esta Noite se Improvisa'', da Record. Gil tinha várias canções gravadas por Elis Regina. ''Alegria, Alegria'' e ''Domingo no Parque'', entretanto, anunciavam claramente

Rogério Duprat (abaixo), o maestro da geléia geral. Ao lado, olhem só os convidados do Divino Maravilhoso: *Rita Lee (de costas) e Jorge Ben (de preto, no fundo)*

Paulo Salomão Abril



Cristiano Mascaro Abril

Abril

as intenções não ortodoxas dos articuladores do novo movimento. "Nego-me a folclorizar o meu subdesenvolvimento para compensar as dificuldades técnicas", avisava Caetano. As guitarras elétricas haviam chegado para ficar. Musicalmente, a Tropicália incorporava as novas informações do mundo pop, sobretudo dos Beatles, fase *Sgt. Peper's*. Ao mesmo tempo, Caetano e Gil rompiam as fronteiras entre o erudito e o popular, convidando o maestro Rogério Duprat para elaborar seus arranjos. Nas letras, uma visão crítica da realidade brasileira, expressa em colagens verbais fortemente influenciadas pela poesia concreta de Augusto e Haroldo de Campos.

Tropicália ou Panis et Circensis, o disco-manifesto, lançado em 68, soa revolucionário ainda hoje. Reunindo a nata do movimento que, além do "grupo baiano" (Caetano, Gil, Gal, Bethânia), abrigava mais Tom Zé, Torquato Neto, Capinam, Mutantes e a ex-musa da Bossa Nova Nara Leão —, o disco apresentava um ecletismo nunca visto antes por aqui. Canções como "Miserere Nobis", "Batmacumba" e "Baby" compunham a salada musical, com espaço para o rock, o samba, o bolero e a canção romântica. "Existem muitas maneiras de se fazer música e eu prefiro todas", proclamava Torquato Neto, o poeta da Tropicália.

Igualmente entre a MPB "verdadeira" e os "alienados" da Jovem Guarda estava Jorge Ben, que chegou a participar de alguns *Divino Maravilhoso*, mas não era diretamente ligado ao grupo da Tropicália. Independente e único, Ben inventou uma fusão do afro-samba-jazz-rock que o tornaria um dos músicos brasileiros mais respeitados no exterior.

O público não entendia. Eram odiados pela direita, por causa das suas atitudes provocadoras. A esquerda os desprezava, aderindo à onda das canções de protesto. O choque era inevitável. E o confronto final aconteceria numa noite de setembro de 68, no Tuca, em São Paulo, durante a eliminatória do III Festival Internacional da Canção. Enfurecida, a platéia, formada em sua maioria por universitários, recebe Caetano e os Mutantes com vaias, tomates, ovos e bolas de papel. O barulho é ensurdecedor. Furioso, Caetano interrompe a sua interpretação de "É Proibido Proibir" (uma das palavras de ordem das movimentações de maio de 68 na França) para explodir em um discurso inflamado. "Mas é isso que é a juventude, que diz que quer tomar o poder?... Se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos."

Ainda durante um breve período de 68, o programa *Divino Maravilhoso*, na Tupi, levaria a vanguarda musical à TV Ao cabo de

"Me desclassifiquem junto com Gilberto Gil" — diria Caetano, em seu célebre discurso no Tuca, em 68. Odiados pela direita ultra-reacionária e desprezados pela esquerda nacionalista, os articuladores da Tropicália seriam presos e forçados a deixar o país

"Os Mutantes são demais...", dizia Caetano em 68. Depois da aventura tropicalista, eles trilharam quase sozinhos os duros caminhos do rock brasileiro dos anos 70

alguns meses, a censura se encarrega de tirar o programa do ar. Depois de uma pequena temporada ao lado dos Mutantes numa boate do Rio, Caetano e Gil são presos em suas casas. Motivo não divulgado. Era só mais um capítulo do festival de besteiras que assolava o país. Quatro meses detidos no Rio, viagem para Salvador, Londres. Fim.

A música brasileira nunca mais seria a mesma. E o rock? Também não, por obra e graça dos primeiros roqueiros a merecer este nome com todas as letras: os Mutantes.

Com eles, o rock nacional finalmente saía das fraldas para a vida adulta. Mais do que simples coadjuvantes da Tropicália, os Mutantes chegavam para contaminar a nossa música jovem com o vírus da rebeldia.

Na verdade, o envolvimento com o movimento tropicalista aconteceu por acaso, durante as gravações de três LPs contendo as músicas classificadas no III Festival da Record. Enquanto gravava, Gilberto Gil sentiu a necessidade de incluir uma guitarra no arranjo de Rogério Duprat para "Domingo no Parque" A idéia de convidar um conjunto inteiro os Mutantes, sugestão do maestro Chiquinho de Moraes — agrada Gil, cada vez mais interessado em colocar instrumentos elétricos em suas músicas. Com "Domingo no Parque", conquistam o segundo lugar do Festival. O visual do grupo absolutamente anárquico para os padrões da época serve para aumentar ainda mais o ódio dos puristas. A experiência com Gil rende ao grupo um convite para a gravação do primeiro LP.

Em 68, Arnaldo, Sérgio e Rita imprimem de forma definitiva sua marca ao movimento. Das onze faixas do LP *Tropicália ou Panis et Circensis*, seis contam com a participação do conjunto. Uma delas, "Panis et Circensis", composta por Caetano especialmente para o álbum de estréia dos Mutantes, acabaria sendo incluída às pressas no manifesto tropicalista.

Os Mutantes ainda ficariam ligados por mais alguns tempos aos tropicalistas. No primeiro disco, *Os Mutantes* (67), os baianos compareciam com quatro músicas. As outras faixas, assinadas pelo grupo, confirmavam o fim da primeira fase quando cantavam, principalmente, em inglês, em programas como o *Pequeno Mundo de Ronnie Von*, um concorrente do *Jovem Guarda*.

A seguir, viria o III Festival Internacional da Canção, com Caetano. No fundo do palco, alheio às vaias, os Mutantes fazem o acompanhamento para "É Proibido Proibir", enquanto Caetano responde com frases certeiras os tomates também estes certeiros atirados pela platéia. Nesse mesmo festival, defenderiam ainda uma composição própria, "Caminhante Noturno" É a época dos Festivais, e o grupo não foge à regra, comparecendo ainda no IV Festival da Record (com "Dom Quixote" e "2001").

Em 69, gravam o segundo LP, *Os Mutantes*, seguindo então viagem para a França. Vão participar do MIDEM (Mercado Internacional do Disco e de Edição Musicais), de onde voltam com uma bagagem de informação musical e projetos para o terceiro LP, *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado*. No Rio, apresentam o espetáculo *O Planeta dos Mutantes*, uma nova concepção de show, já esboçada nas suas apresentações ao lado de Gil e Caetano. Agora, não é mais só a música que comanda o espetáculo. É a introdução da multimídia, colocando, num mesmo palco, teatro, dança e rock.

Depois da gravação de *Build Up*, primeiro disco solo de Rita Lee que continua com o grupo —, os Mutantes retornam à França em 70, desta vez para uma série de apresentações no Olympia de Paris. De volta ao Brasil, conhecem o sucesso de perto: passam a ser atração fixa do programa *Som Livre Exportação*, da Globo, e fazem shows em grandes ginásios, pelo país.

As experiências com LSD, por um lado, e a sofisticação dos equipamentos, por outro, começam a modificar o grupo, que agora tem cinco integrantes, com a entrada de Liminha (baixo) e Dinho (bateria). Entre uma viagem alucinógena e outra o grupo vive agora em um lote na Serra da Cantareira —, lançam mais dois LPs, *Jardim Elétrico* (71) e *Os Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets* (72).

A saída de Rita acontece depois do lançamento do seu segundo solo, *Hoje É o Primeiro Dia do Resto de Sua Vida*. Sem Rita, a gravadora desiste do lançamento do sexto LP, que se chamaria *O A e o Z*. O próximo a sair é Arnaldo Batista, até então a cabeça pensante que determinava os rumos dos Mutantes. Estava decretado o fim da fase mais criativa que o rock do Brasil já conhecera. Com novas formações, os Mutantes ainda gravariam e fariam diversos shows pelo país. O som, porém, não seria mais o mesmo. Como vários outros grupos da década de 70, Serginho Batista e seus companheiros se entregariam às viagens do rock progressivo, com relativo sucesso. Mas isso já é assunto para o proximo capítulo...

Abril

As várias mutações dos Mutantes: psicodélicos...

Abril

...a professorinha, o bom menino e o cangaceiro...

Cristiano Mascaro/ Abril

...os mágicos (de tênis) e os sacerdotes futuristas,

Cristiano Mascaro/ Abril

confundindo os festivais e ganhando admiradores

ANOS 70

AS OVELHAS NEGRAS

O sonho tinha acabado, mas o pesadelo continuava. Era a hora de assumir e sumir — e as estradas eram múltiplas e tortuosas...

Tobias / Abril

"Roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido." A frase de Rita Lee pode soar anacrônica nos dias de hoje. No entanto, pode ser aplicada com tranqüilidade para definir as dificuldades de quem fazia rock no Brasil nos idos dos anos 70.

Aqui, como no resto do mundo, o sonho também havia acabado. O endurecimento do regime e o fim da Tropicália, com a saída de seus líderes do país, serviam para aumentar ainda mais a sensação de vazio cultural. Os aplausos calorosos e as estrondosas vaias que agitavam os festivais já eram coisa do passado. No seu lugar, ficara um vasto e profundo silêncio, quebrado apenas por uma pequena minoria que insistia em transitar no caminho aberto pelo pioneirismo dos Mutantes. Reverenciando os modelos estrangeiros — Rolling Stones, Pink Floyd e Yes, entre os preferidos — ou tentando uma nova fusão de estilos, da qual resultaria o "rock rural", eles formavam um grupo à parte, desprezado pela mídia e ignorado pelo grande público, com raras e honrosas exceções — caso dos Mutantes, único conjunto da época a alcançar a cifra de 20 mil cópias vendidas.

O início da década de 70 assiste à proliferação de dezenas de grupos, espalhados pelos quatro cantos do país. O rock carioca era representado pelo Vímana, que incluía em sua formação Lobão, Lulu Santos e Ritchie (!?!). O lance do grupo era o *progressive rock*, com letras quase sempre em inglês — Ritchie, ao que parece, ainda não assimilara bem o idioma tupiniquim. O Terço era um dos conjuntos mais cultuados pela tribo roqueira de São Paulo, principalmente depois do lançamento do LP *Criaturas da Noite*, em 75. "Hey Amigo" é o hit do grupo, saudado como um hino pelos fãs que se aglomeravam nas portas do Teatro Bandeirantes — o reduto do rock em SP — a cada apresentação.

Os grupos surgiam e desapareciam em seguida sem deixar rastros — muitas vezes sem nem mesmo registrar o trabalho no vinil. Quando gravavam, eram mal distribuídos e mal divulgados — todas as atenções estavam voltadas para os astros da MPB. Caso do Som Nosso de Cada Dia, grupo paulista que, com apenas um LP gravado, permaneceria no underground até sua extinção, em 80.

Havia casos diferentes: Mick Jagger era

J. Ferreira da Silva / Abril

Abril

Uma amostra dos vários caminhos: do progressivo ao glam brega, com paradas no rock rural, no rock'n'roll básico e nas fusões com a MPB

Abril

o modelo para Cornelius, vocalista das primeiras formações do Made in Brazil, o único grupo dessa fase a virar a década. À exceção, é claro, do Joelho de Porco, que, com formações diversas, chegou até os anos 80, sempre com seu rock satírico e urbano.

Havia, no entanto, alguns músicos que pensavam de outra forma. Por que não transformar o rock em algo, digamos, mais brasileiro? Instrumentos eletrônicos e violas sertanejas. O country e o caipira. Essa era a proposta do grupo de Luís Carlos Sá, Zé Rodrix recém-saído do Som Imaginário de Wagner Tiso e Gutemberg Guarabira, principais representantes do rock rural

Outra tentativa de fusão, mais elaborada, seria realizada pelos Novos Baianos. Dessa vez, a mistura incluía cavaquinhos, sintetizadores e guitarras, produzindo um som altamente dançável. Em 72, os hits "Preta, Pretinha" e "Besta É Tu" transformariam *Acabou Chorare* no maior êxito comercial do grupo. Rock e MPB eram ainda os ingredientes principais na síntese proposta por Walter Franco — que ficara conhecido depois das vaias para "Cabeça", no VII FIC, em 72. O lado rock de Walter ficaria registrado no álbum *Revolver*, lançado em 74.

A década de 70 ficaria marcada ainda por uma estranha imagem: três rostos masculinos ostentando pesadas maquiagens. Marca registrada dos Secos & Molhados, que conseguiriam, em 73, a façanha de desbancar o campeão de vendagens Roberto Carlos. O trio formado por Ney Matogrosso, Gérson Conrad e Sérgio Ricardo não duraria muito, apesar do estrondoso sucesso ou por causa dele. Em 74, os Secos & Molhados abandonavam o cenário musical, deixando espaço livre para a ascensão meteórica de Ney.

Para a ex-mutante Rita Lee, 75 seria um ano-chave. No embalo do sucesso de "Ovelha Negra", o LP *Fruto Proibido* alcançaria a marca fantástica para a época de 180 mil cópias vendidas. Era o primeiro trabalho de Rita para a Som Livre e o segundo ao lado do Tutti Frutti — o primeiro havia sido *Atrás do Porto Tem Uma Cidade*, em 74. O empurrão que faltava para a cristalização do reinado de Rita viria apenas no final da década, mais exatamente em 79, com o lançamento do álbum *Rita Lee*, o primeiro em parceria com o maridinho Roberto de Carvalho. Nesse ano, "Mania de Você" embala todos os casais de namorados, e a salada pop do novo LP transforma Rita em unanimidade nacional, mesmo decepcionando alguns roqueiros mais convictos. Para estes, o verdadeiro talento de Rita ficara perdido no tempo, re-

Alguns "sobreviventes": Joelho de Porco, Tim Maia e Made in Brazil. O Vímana ficou famoso só nos anos 80. Adivinhem onde estão Ritchie, Lulu Santos e Lobão debaixo das cabeleiras...

Sergio Sade / Abril

Paulo Salomão/ Abril

Luis Paulo Machado Abril

Espremidos entre a tribo roqueira e a MPB bem estabelecida, havia os "malditos": Jorge Mautner, Walter Franco, Macalé e Luiz Melodia, autores de obras que estão entre algumas das mais pessoais e originais da década e esquecidas pela mídia

Leonardo Costa Abril

gistrado em trabalhos como *Fruto Proibido, Entradas e Bandeiras* (76), *Babilônia* (78) e, principalmente, nos álbuns gravados ao lado de Serginho e Arnaldo, dos Mutantes.

Alguém aí ainda se lembra dos Bee Gees? Quem sabe Village People? Que tal um rapaz de olhos verdes chamado John Travolta? Sim, estamos falando da época o mais correto seria falarmos em ano da discoteca. Afinal, foi em 79 que o fenômeno se instalou por aqui. Originária da música negra norte-americana, a *disco-music* já vinha ganhando espaço nos Estados Unidos desde 74. Mas o grande estouro viria com a trilha sonora de *Saturday Night Fever*, o filme que lançava John Travolta, em 77. O sucesso do filme aqui, como *Os Embalos de Sábado à Noite* se repetiria no Brasil, abrindo as portas para a invasão da indústria norte-americana do disco. A febre é tão grande que chega às novelas. *Dancin' Days*, lançada no auge da mania da discoteca, a aumentaria em alguns graus, criando modismo e proporcionando o sucesso do grupo As Frenéticas. "Abra suas asas, solte suas feras..."

Se a discoteca passou por aqui sem deixar traços, o mesmo não se pode dizer de outra música de origem norte-americana que também aportaria por aqui no final da década: a *soul music*. Atraindo para si um grande número de admiradores na maioria negros —, a *soul music* serviria de ponto de apoio para a realização de grandes bailes, que assumiam os contornos de um verdadeiro movimento com destaque para o Black Rio, no Rio de Janeiro. Como resultado de toda essa movimentação, se revelariam os nosso intérpretes de soul entre eles Tim Maia e Cassiano e uma nova tentativa de fusão, dessa vez entre o soul e a MPB. Nessa última leva incluem-se alguns dos mais criativos trabalhos já surgidos por aqui, que corriam, desde o começo da década de 70, paralelos tanto aos medalhões da MPB quanto a essa movimentação roqueira. Como os de Luiz Melodia, com sua mistura de samba, blues, funk e negritude, e Jorge Ben, dono da mais perfeita combinação entre o samba afro e os sons que vêm lá de fora, que começariam a ser descobertos e/ou revalorizados pela moçada roqueira.

Rock progressivo, discoteca, *soul music*. Nada disso afetaria o trabalho de um dos principais roqueiros dos anos 70. Com um trabalho fortemente influenciado pelo rock básico de Chuck Berry ou Little Richard, ele atravessaria a década e conheceria os seus prováveis sucessores será possível apontar alguém? — na explosão do rock nacional dos anos 80. Com vocês, Raul "Rock" Seixas...

Abril

O que Raul queria mesmo era ser escritor. Afinal, desde pequeno gostava de criar personagens, como o cientista Melo, que realizava viagens fantásticas em busca de respostas para os problemas da vida e da morte. O rock só chegaria um pouco mais tarde, com a mudança da família para as proximidades do consulado americano em Salvador. Da amizade com os americanos, viriam as primeiras influências musicais: Chuck Berry, Jerry Lee Lewis e Elvis. Depois seria a vez dos Beatles, cujas canções formariam a maior parte do repertório do conjunto Raulzito e Seus Panteras. Era a época da Jovem Guarda, e o conjunto deixaria Salvador com destino ao Rio a convite de Jerry Adriani. O fracasso do primeiro disco, lançado em 69, leva Raul de volta à Bahia.

Sucesso, mesmo, só em 73, com o compacto "Ouro de Tolo", faixa do disco *Krig-Ha Bandolo*. Antes disso, Raul marcaria presença no Festival Internacional da Canção, em 72 — terceiro lugar, com "Let Me Sing My Rock'n Roll" —, e provocaria a primeira das muitas polêmicas que envolveriam sua carreira com o disco *Sòciedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta: Sessão das Dez*.

De volta da sua estada nos Estados Unidos — para onde havia sido mandado pelo governo do general Ernesto Geisel —, Raul encontra a consagração do grande público com o LP *Gita* (74). É a época da parceria com Paulo Coelho e do seu envolvimento com uma sociedade esotérica, a A.A., que simpatizara muito com a letra de "Sociedade Alternativa".

Os boatos de que Raul "havia pirado" cercaram o lançamento de *Novo Aéon*, em 75. Apesar disso, os discos — e os sucessos — se sucediam, com *Há Dez Mil Anos Atrás*, *Raul Rock Seixas* e *O Dia em Que a Terra Parou*. Entre um casamento e outro — são cinco, por enquanto —, Raul lança, ainda, mais dois álbuns sem Paulo Coelho com relativo sucesso: *Mata Virgem* e *Por Quem os Sinos Dobram*.

Em 80, as instâncias federais voltam a interferir no trabalho de Raul, censurando três faixas de *Abre-te Sésamo*. Em 83 é lançado *Raul Seixas*. "Carimbador Maluco" é o hit do disco e parece dar nova vida à carreira de Raul, já bastante afetada pelo seu envolvimento com as bebidas.

Em 87, o nosso roqueiro mais convicto está de volta com *UAH-BAP-LU-BAP-LAH-BÉIN-BUM!* — o último lançamento oficial havia sido *Metrô Linha 743*, em 84. "É um disco só de rock'n'roll", como define o próprio Raul. As coisas parecem não ter mudado muito — a censura continua de olho e veta duas músicas: "Check-Up" e "Não Quero Mais Andar na Contramão". No mais, Raul prossegue na sua proposta, que poderia servir como lição para muitos dos roqueiros que nos aguardam nas páginas seguintes: elementos do mais puro rock'n'roll com sotaque brasileiro.

A mosca que ainda pousa na sopa do rock bem-comportado. A receita? Chuck Berry + esoterismo + Little Richards + ousadia = duas décadas de rock puro e abusado

Rui Mendes/ Abril

ANOS 80

Finalmente, a explosão. Saindo de uma vez do underground, o rock nacional vira fenômeno. E cria seus primeiros mitos...

PERDIDOS NA SELVA

"Nós estamos aqui para revolucionar a MPB." É o grito de guerra dos Inocentes, pioneiros na cena do punk rock nacional

Nani Gois - Abril

Se você começou a ler esta edição por aqui, desista. É verdade que, para muita gente, só existe rock nacional a partir dos anos 80. Mais exatamente, desde que a Blitz deu a partida, com o compacto "Você Não Soube me Amar" Depois disso, os grupos de rock foram se multiplicando numa velocidade alucinante, até que, em 85, o golpe final fosse desfechado por quatro rapazes extremamente simpáticos, liderados por um vocalista carismático — um tal de Paulo Ricardo. De lá para cá, o grupo em questão acumulou recordes de vendagem, execução e apresentações por todo o país. Consagrado como o primeiro mito do rock nacional, o RPM provou de uma vez por todas que rock é um bom negócio, inclusive no Brasil.

Parece bastante simples. Porém, quem acompanha essa história desde as primeiras páginas já percebeu que o buraco é mais embaixo. Que o rock nacional, tão badalado nestes difíceis anos 80, não seria o que é sem a preciosa colaboração de gente como Cely Campello, Mutantes ou Raul Seixas, para citar só alguns. E que, para que um sucesso como o do RPM se concretizasse, muitas portas tiveram de ser abertas, numa luta nem sempre reconhecida e quase sempre frustrante.

Ao contrário do que muitos possam pensar, a história do rock tupiniquim nesta década não começa nas ensolaradas praias cariocas. Na verdade, o cenário que dá origem aos primeiros grupos não lembra em nada a Cidade Maravilhosa. Para conhecê-lo de perto e entender como tudo começou, temos de voltar ao ano de 1977, data em que a periferia da cidade de São Paulo assiste ao surgimento de pequenas gangs de adolescentes, com trajes exóticos e comportamento agressivo. Já em 78, as gangs dão lugar às primeiras bandas. Pelo tipo de som, não pode haver dúvida: o movimento punk chegara ao Brasil.

Ninguém deu muita atenção àquele bando de garotos pobres e seus grupos de nomes esquisitos Condutores de Cadáveres, AI-5 e Restos de Nada, entre outros. Mesmo assim eles continuavam tocando, e gravando. Em abril de 82, sai o primeiro disco punk: *Grito Suburbano,* reunindo Inocentes, Olho Seco e Cólera, pelo selo independente Punk Rock. O próximo a gravar é o *Lixomania* um compacto triplo, incluindo "Os Punks Também Amam" Registrado o trabalho no vinil, era necessário agora chamar a atenção da mídia e do grande público.

Em pouco tempo, o circo todo estava armado. Local: Sesc-Pompéia, São Paulo. Data: último fim de semana de novembro. O primeiro festival de música punk no Brasil reunia mais de vinte bandas, sob um nome bastante significativo: "O Começo do Fim do Mundo" Entre mortos e feridos com o comparecimento da polícia, sempre disposta a agir contra os punks paulistas o saldo é positivo, com um disco que documenta tudo, gravado ao vivo no local.

A realização do festival aguça ainda mais a curiosidade da imprensa, que já vinha dando uma certa cobertura ao movimento. "Nós estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira", proclama Clemente, dos Inocentes. As intenções dos punks tupiniquins seriam explicadas por um manifesto: "O punk surgiu numa época de crise e desemprego com tal força que logo se espalhou pelo mundo, e cada um, à sua realidade, adotou o protesto punk..."

E, como no resto do mundo, os punks abriram espaços para o surgimento de novas bandas. Seria num festival punk — realizado na PUC de São Paulo — que o grupo formado por Nasi, Edgard Scandurra, Dino e Fábio se apresentaria pela primeira vez, com um repertório que incluía Sex Pistols e Clash. Daí para a frente o Ira passaria a freqüentar o circuito underground paulista, ao lado de bandas como o Agentss, Voluntários da Pátria, Mercenárias, Ultraje a Rigor e Ignoze, uma banda punk com um guitarrista nem tanto: Fernando Deluqui. Nas casas noturnas de São Paulo, porém, não era o punk que predominava. Aliás, as influências não poderiam ser mais diversas: desde os mods, modelo para o som do Ira, até o rock básico praticado pelo Ultraje, passando pela sonoridade quase punk das Mercenárias, tudo era válido. Inclusive covers/colagens das bandas de fora. Como faria a Gang 90, por exemplo.

A ligação de Júlio Barroso com o underground paulista vinha do seu próprio trabalho era DJ a princípio, na Noites Cariocas, e, mais tarde, na Paulicéia Desvairada. Seu grupo, a Gang 90, apresentava-se tanto no Rio como em São Paulo, sempre no circuito alternativo. Até que, em 81, consegue colocar uma música no MPB-Shell, a versão global dos festivais da MPB. Com "Perdidos na Selva", a Gang 90 saía do underground para a fama; ao mesmo tempo, mostrava o caminho para o rock nacional, antecipando toda a onda new wave que se seguiria ao estouro da Blitz. O pioneirismo da Gang ficaria registrado no LP *Essa Tal Gang 90 & Absurdetes,* lançado em 83, ainda com a participação de Júlio Barroso — que morreria no dia 7 de junho de 84.

Fora desse circuito, a meio caminho entre o rock e a MPB, um outro movimento agitaria o início dos anos 80: a vanguarda paulista. Sob esse rótulo, se agrupariam grupos de tendências bastante distintas entre si. Em comum, a formação universitária e a produção independente, sempre pelo selo Lira Paulistana — nome também do teatro onde se apre-

No início da década, o underground paulista está em plena ebulição. Grupos como Ira!, As Mercenárias, Ultraje e Voluntários da Pátria dividem o mesmo palco. No Rio, quem dita as regras do rock nacional é a "maldita" Fluminense FM. Encabeçando as paradas, porém, estão as lágrimas de amor de Joanna e Simone

Sergio Berezovsky Abril

Sergio Berezovsky Abril

CBS

Jorge Rosenberg Abril

Acima, a Gang 90 anuncia a new wave. Itamar e Arrigo: a vanguarda. Na FM, rola Rádio Táxi

sentavam os novos grupos: Premeditando o Breque, Rumo, Língua de Trapo, Arrigo Barnabé & Banda Sabor de Veneno, Itamar Assumpção & Banda Isca de Polícia, entre outros. Entre as propostas, destacavam-se o trabalho de Arrigo, influenciado por histórias em quadrinhos e dodecafonismo, e o de Itamar, que funde poesia urbana com os ritmos de origem negra.

Claro, a mídia também ignorava os independentes. Quem parasse para ouvir um pouco de rádio, por essa época, poderia se deliciar com o último sucesso da Simone. Ou, quem sabe, aquela canção de amor da Joanna. Correndo por fora, porém, alguns hits já davam a pista. Coisas como "Dentro do Coração", do Rádio Táxi — aquela do "põe devagar, põe devagarinho" —, mostravam que havia mercado para um outro tipo de música, uma espécie de rock metido a engraçadinho, que acabaria fazendo escola entre os grupos nacionais.

Mas seria apenas no verão de 82 que as coisas começariam a mudar. Afinal, já era possível ouvir algo diferente no meio da mesmice das FMs. Entre um e outro monstro sagrado da nossa MPB, uma música começava a ser repetida insistentemente. Prestando atenção, notava-se que era uma história de amor que não deu certo. Até aí, nenhuma novidade. O que causava estranheza era aquela melodia quase falada, a voz masculina sendo interrompida por um corinho feminino, e aquela letra... Impossível mesmo era deixar de acompanhar o refrão: "Você não soube me amar/Você não soube me amar..."

OK, VOCÊ VENCEU...

Um compacto simples. De um lado, "Você não soube me amar" Do outro, apenas uma frase "Nada, nada, nada..." Mais de 600 mil cópias vendidas, e pelo menos uma frase inesquecível, incorporada ao dia-a-dia de todos nós. Ok, você venceu, rock nacional. Com seu mirabolante sucesso, a Blitz não só atingia o estrelato da noite para o dia, como provocava uma reação em cadeia, que acabaria por transformar o rock nacional no que é hoje: um investimento rentável e seguro.

Para Evandro Mesquita, Ricardo Barreto e João Luiz Woerdenbag também conhecido como Lobão, o baterista do grupo, a surpresa não poderia ser maior. Afinal, eles eram os únicos remanescentes da formação original, e estavam juntos há pouco mais de um ano. O convite para gravar pela Odeon surgiu pouco tempo depois de uma apresentação apoteótica no Circo Voador a coqueluche do verão carioca, por onde, passaria a maior parte dos grupos de sucesso do Rio. O palpite do produtor Mariozinho Rocha não poderia ter

dado mais certo. Com um recorde de vendagem nas costas, a Blitz partiria, ainda em 82, para a gravação do primeiro LP, *As Aventuras da Blitz*, do qual sairiam mais alguns hits como "Mais uma de Amor (Geme Geme)".

Estava dada a partida. Na corrida pela conquista do novo mercado, as gravadoras apostavam em tudo: de Absyntho a Barão Vermelho, de Sempre Livre a Lulu Santos, as contratações iam acontecendo ainda que, para muitos grupos, fosse oferecida apenas uma participação num "pau-de-sebo" Seria a partir de uma dessas coletâneas *Rock Voador*, lançado pela WEA em 82 que o conjunto Kid Abelha & os Abóboras Selvagens teria a sua primeira chance. O compacto com a música "Pintura Íntima", lançado a seguir, consegue bons índices de vendagem, e a canção se transforma no primeiro dos inúmeros hits de Paula Toller e suas abóboras.

A essa altura do campeonato, os grupos já tomaram conta da programação das rádios, e as críticas chovem de todos os lados. O rock leve e festivo dos cariocas lembra bastante os tempos da Jovem Guarda, e passa a ser chamado de "new iê-iê-iê" Os hits desses grupos, porém, levam a uma outra conclusão: o Brasil embarcou de vez na "new wave", seguindo os passos de Júlio Barroso e suas Absurdetes por sinal, com uma música nas paradas: o tema de novela "Nosso Louco Amor"

O maior sucesso nacional de 83, porém, não seria de um grupo, e sim de um cantor que, no final das contas, nem brasileiro era. Com "Menina Veneno", Richard David Court, aliás, Ritchie, conseguia igualar o feito da Blitz, dando um susto no mercado fonográfico. 83 é também o ano de "Como uma Onda", o mega-hit de Lulu Santos, até hoje freqüentador assíduo das FMs. Também nesse ano, surgia um dos primeiros sucessos de rock produzidos longe das praias cariocas: "Sou Boy", com o Magazine.

O Magazine nada mais era do que a mais nova invenção de Kid Vinil, conhecido no underground paulista pelo seu trabalho junto ao grupo Verminose. O compacto com o hit do grupo era o resultado de um projeto da WEA que incluía ainda o lançamento de três outros: Ira, Azul 29 e Ultraje a Rigor. No caso do Ira, o tiro acabou saindo pela culatra. Lançado em 83, o compacto da banda que trazia "Pobre Paulista" e "Gritos na Multidão"— foi massacrado na gravação, completamente ignorado pela gravadora e acabou caindo no esquecimento. Já o Ultraje teria melhor sorte; em época de Diretas-Já, o compacto com "Inútil" serve para chamar a atenção da mídia para a banda. A seguir, lançam "Eu me

Jorge Rosenberg Abril

CBS

O aparato visual e cênico da Blitz contribuiria para a ascensão vertiginosa do grupo. Sucessos meteóricos de 83: Sempre Livre, o menino-veneno Ritchie e as abóboras de Paula Toller

CBS

Abril

"Eu não nasci de óculos", explica Herbert Paralamas Viana, dono de todos os hits de 84. À direita, os boys do Magazine abrindo espaço para o som de São Paulo. O cinema é o passaporte para o sucesso do Barão Vermelho (abaixo)

Luizinho Coruja Abril

Amo'', que começa a ser executada pelas rádios. Na luta por um lugar ao sol, o Ultraje entra de cabeça no circuito das danceterias.

Em 84, elas já se transformam numa verdadeira febre. A cada semana, uma nova casa noturna é inaugurada; em cada uma delas, dezenas de grupos se lançam no mercado, dispostos a aproveitar a nova onda. Tífon, Raio Laser, Clash, Madame Satã: todo o circuito é percorrido pelos rapazes do grupo Revoluções por Minuto, que aguardam uma chance para registrar o seu trabalho no vinil.

Já no seu segundo LP, os Paralamas do Sucesso encontram, finalmente, a fórmula do sucesso. *O Passo do Lui* coloca em evidência o som à la Police da banda e os óculos de Herbert Vianna, responsável por alguns dos maiores hits de 84. Na seqüência, vem o estouro do Barão Vermelho, com o tema principal do filme *Beth Balanço*, de Lael Rodrigues faixa do terceiro álbum do grupo, *Maior Abandonado*.

Em São Paulo, os Titãs do Iê-Iê abreviam o nome para Titãs e lançam o primeiro LP. ''Sonífera Ilha'' entra direto para as paradas, ao lado de ''Me Chama'', de Lobão, que acaba de lançar o seu primeiro disco ao lado dos Ronaldos. Nesse meio tempo, outro novato, vindo de Ribeirão Preto, SP, faz a sua estréia no vinil.

Com *Choque*, Zambianchi entra com o pé direito no cenário do rock nacional. Ainda no terreno das carreiras individuais, é lançado o quarto disco da cantora Marina, a única cantora solo da nova safra roqueira.

Nos primeiros dias de 85, a euforia dos roqueiros beira os limites do incontrolável. Afinal, faltam poucos dias para aquele que está sendo anunciado como ''o maior festival de rock do mundo'' Os incrédulos beliscam os braços. Lado a lado, alguns dos maiores astros do rock internacional e os novíssimos ídolos do rock tupiniquim. Vai dar certo?

Deu. Enquanto, em Brasília, os rumos do país eram decididos mais uma vez por uma minoria, que elegia Tancredo Neves como novo presidente, mais de um milhão de pessoas comparecia à Cidade do Rock para a maratona musical de dez dias. Entre os internacionais, o romântico e o exótico fazem a festa do público brasileiro, encarnados por James Taylor e Nina Hagen. Pelo lado nacional, pelo menos um marco: a consagração dos Paralamas do Sucesso, que levariam o público ao delírio com sua coleção de hits.

Além de provar a viabilidade da realização de eventos desse tipo em solos tropicais, o Rock in Rio veio dar novo impulso ao rock nacional: as gravadoras decidem retomar o ritmo das contratações, que se havia estabilizado no ano anterior. Apro-

veitando o embalo, a CBS lança mais um pau-de-sebo, com doze grupos recém-contratados. A coletânea recebe o nome de *Rock Wave*, e sai em fevereiro de 85. De todas as faixas, apenas uma consegue boa execução. "Louras Geladas" entra rapidamente para a lista das mais tocadas, e a CBS dá sinal verde para o primeiro compacto dos novatos. O lançamento traz, além do hit anterior, a faixa "Revoluções por Minuto", vetada pela Censura a música seria liberada pouco tempo depois. Em janeiro de 85, o RPM está no estúdio para a gravação do primeiro LP. O disco traz o próximo hit da banda: "Rádio Pirata"

PREPARAR A NOSSA INVASÃO

A primeira geração de sucesso do rock tupiniquim vinha do Rio. Não era por acaso. Depois da explosão da Blitz, as gravadoras haviam decidido concentrar todo o seu poder de fogo sobre os grupos cariocas — donos absolutos de praticamente todos os hits de 84. Essa situação atingiria seu clímax com a realização do Rock in Rio, onde se apresentariam Blitz, Paralamas, Barão, Kid Abelha e Lulu Santos, entre outros. Passado o festival com a conseqüente retomada do ritmo das contratações —, era a hora e a vez dos outros Estados entrarem na briga. E o primeiro round começaria com o lançamento do LP *Nós Vamos Invadir a Sua Praia*, do Ultraje a Rigor.

O álbum de estréia de Roger, Leospa, Maurício e Carlinhos trazia todos os sucessos do grupo, pedidos em coro pelos fãs, durante a maratona de shows pelas danceterias paulistas coisas como "Eu me Amo", "Rebeldes sem Causa" e "Inútil" A aceitação do grande público foi imediata. Em pouco mais de um mês o Ultraje recebia o seu primeiro disco de ouro, enquanto "Ciúme" liderava todas as listas das mais tocadas nas rádios. Durante todo o ano de 85, praticamente todas as outras faixas do LP seriam fartamente executadas, conferindo a Roger e a seus asseclas o status de grupo do ano.

Em setembro de 85, Paulo Ricardo, Fernando Deluqui e Paulo Pagni estréiam o show de lançamento do disco *Revoluções por Minuto*, no Teatro Bandeirantes, em São Paulo. É a primeira versão do show *Rádio Pirata*, a superprodução do empresário Manoel Poladian que, inteligentemente, entrega a direção do espetáculo a Ney Matogrosso. A escalada do RPM prossegue também nas rádios, desta vez com "Olhar 43" Os hits sucessivos do grupo e, em particular, as letras de Paulo Ricardo conseguem um façanha: provar que há lugar para a

Adolfo Gerchmann Abril

Luizinho Coruja Abril

Geraldo Luis Gomes Azul

No alto, Lobão em mais uma performance, ainda ao lado dos Ronaldos. O Metrô (acima) só emplacaria em 85, época do lançamento de Televisão, *o segundo dos Titãs*

86 é o ano do RPM. Com o LP **Rádio Pirata**, *o grupo alcança o megaestrelato. E o país se rende ao olhar 43 de Paulo Ricardo*

Rui Mendes/ Azul

Weá

Rui Mendes/ Azul

Dois marcos no fim do domínio carioca sobre o rock nacional. Acima, o deboche do Ultraje — a rigor... Da Bahia, vem o som do Camisa de Vênus

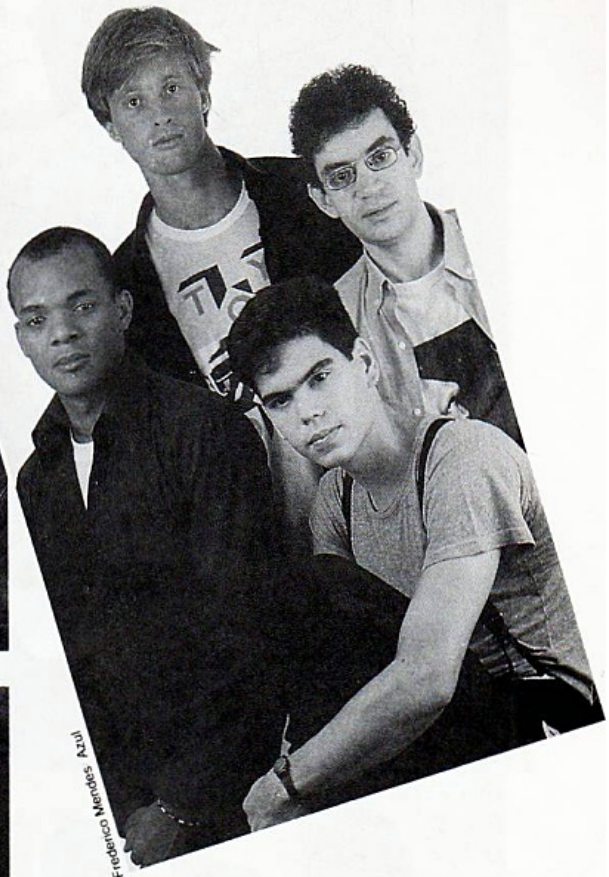
seriedade no rock nacional fora do padrão "engraçadinho" que imperava até então. Ao mesmo tempo, o forte apelo visual da banda serve para conquistar o público adolescente cansado, provavelmente, de colecionar posters, bottons, cantar e dançar sem parar ao som dos Menudos. A consagração definitiva, porém, só viria mais tarde, junto com a realização do seu projeto mais ambicioso: um LP inteiramente gravado ao vivo.

Em meados de 86, o sonho se torna realidade. A CBS solta, finalmente, o LP *Rádio Pirata ao Vivo*. De cara, mais um recorde antes mesmo de chegar às lojas, o álbum arrebata um duplo de platina (o que equivale a 500 mil cópias vendidas). Não é para menos, já que, há alguns meses, uma versão pirata de "London, London", é, de longe, a música mais tocada nas rádios. Embora inclua apenas três faixas inéditas, o disco vende sem parar, ultrapassando rapidamente a marca de um milhão de cópias. Mais do que um supergrupo, o RPM agora é um mito que se confunde com a imagem do seu astro maior, o sex simbol Paulo Ricardo. A mídia explora até as últimas conseqüências o fenômeno: rádio, TV, jornais, revistas, posters, bottons, camisetas em toda e qualquer parte, é impossível deixar de avistar as três letrinhas ou o inconfundível olhar 43 de Paulo Ricardo.

A superexposição do grupo não poderia durar muito, sob pena de significar o seu fim o que acabaria acontecendo, porém mais tarde, já em 87. Assim, enquanto o RPM planeja suas merecidas férias, os homens das gravadoras começam a traçar seus planos de ação. Objetivo: encontrar grupos destinados ao sucesso ou seja, fiéis à fórmula tecnopop romântico ditada pelos rapazes do RPM. Aliás, um novo Paulo Ricardo não seria nada mau...

Tempo perdido? Antes mesmo do final de 86, acontecia o imprevisível. Com seu segundo disco, um grupo de Brasília alcançava o primeiro posto na parada, com uma balada lenta e uma letra tão complexa quanto extensa. "Veja o sol dessa manhã tão cinza/ A tempestade que chega é da cor dos seus olhos..." O lirismo poético de Renato Russo invadia as rádios e arrebatava todos os corações solitários. Logo, logo, as FMs começariam a martelar os nossos ouvidos com execuções intermitentes de "Eduardo e Mônica" É a

Claudia Lamas/ Azul



Frederico Mendes/ Azul

H. Tuggi/ Azul

Com a Legião Urbana (acima), *a poesia tomava conta do rock nacional. Brasília compareceria ainda com a música urbana do Capital Inicial* (no alto, à esquerda) *e a revolta da Plebe Rude*

prova definitiva da força do grupo e do carisma de Renato Russo: apenas voz e violão, uma letra que passa longe de lugar-comum não é todo dia que uma canção assim faz sucesso. O caminho estava aberto para que as outras faixas pudessem brilhar "Índios" e "Quase sem Querer" seriam as próximas.

O rock de Brasília sobe ao estrelato. Não era sem tempo. Afinal, desde os idos de 78 os garotos brasilienses vinham empunhando suas guitarras e formando suas bandas punk. A principal delas era o Aborto Elétrico que tinha como vocalista um certo Renato Russo. Do Aborto sairiam também Flávio e Fê, hoje integrantes do Capital Inicial.

A primeira explosão do rock candango aconteceria em 85, com o lançamento do primeiro LP do Legião. "Será" é o hit do disco, enquanto "Geração Coca-Cola" é a preferida nas apresentações ao vivo. A mídia descobre, estupefata, que Brasília tem rock! O parentesco com o rock made in Sampa é evidente — embora os brasilienses temperem os temas urbanos, comuns às duas cidades, com temperos de revolta e protesto político.

Antes mesmo da consagração definitiva do Legião que viria com o LP *Dois* —, a Polygram resolve colocar em estúdio outro grupo da capital. É o álbum de estréia do Capital Inicial, que traz pelo menos um hit em potencial: "Música Urbana", uma parceria de Renato Russo com Flávio e Fê, do Capital, mais André Pretorius. Dessa vez nem a novela das oito escapa, e Dinho acaba contracenando com Tarcísio Meira *(Roda de Fogo)*. O "estilingue do ano" no slogan criado pela Polygram passa a freqüentar as rádios e, de quebra, compra uma briga com a censura com "Veraneio Vascaína", proibida para execução pública.

Depois da Legião e do Capital, poderia parecer que o filão do rock de Brasília estava esgotado. Ledo engano. Com seu som marcadamente influenciado pelo movimento punk, a Plebe Rude seria a próxima a emplacar. "Até Quando" é o hit do grupo, responsável pela boa vendagem do míni LP *O Concreto Já Rachou*.

Extinto para sempre o monopólio carioca sobre o nosso rock, todas as tendências podiam agora se manifestar e encontrar o seu público. Se o RPM e o Legião eram os preferidos, isso não impedia que o rock nacio-

Rui Mendes Abril.

Mauricio Valladares Azul

Vale tudo na cena atual do rock: das baladas do ex-Kid Abelha Leoni e seus Heróis da Resistência à agressividade das Mercenárias

Rui Mendes Abril

Eunice Salis Azul

O Ira! (acima) *só sai do underground em 85. À direita, o rock gaúcho dos Engenheiros do Hawaii*

nal se diversificasse cada vez mais, abrigando coisas tão diversas quanto Zero e Inocentes.

Um exemplo disso seria o sucesso do Camisa de Vênus, que emplacaria o hit "Eu não Matei Joana D'Arc", ainda em 85. A entrada do grupo para o cenário pop é assegurada pelo relançamento do primeiro LP, *Camisa de Vênus* que havia sido retirado de catálogo pela Som Livre. Por essa época, seria lançado também o primeiro LP do Ira!. *Mudança de Comportamento* é o nome do álbum, que coloca o grupo no caminho do sucesso, depois de dias e dias de luta no underground paulista.

Do underground para a fama. No caso do Zero, porém, a história é bem diferente, e começa quando o grupo resolve entregar os backing vocals da canção "Agora Eu Sei" a um convidado muito especial. A voz inconfundível de Paulo Ricardo transforma a faixa do mini LP *Passos no Escuro* em um dos maiores sucesso de 86. É um fim do anonimato para os integrantes do Zero entre eles, Guilherme Isnard, ex-Voluntários da Pátria, e Eduardo Amarante, ex-Agentes e ex-Azul 29 (todas dignas representantes da primeira fase do underground paulista).

E os punks? Afinal, não foram eles que deram a partida para a explosão do rock, lá pelos idos de 78? Apesar disso, seria apenas em 86 que os punks entrariam com tudo no cenário pop, a partir da gravação do primeiro disco dos Inocentes pela WEA, *Pânico em SP*. Antes tarde do que nunca também para as Mercenárias, que entram em estúdio nesse mesmo ano para a gravação de *Cadê as Armas?* pela Baratos Afins. É hora de Sandra, Lou, Rosália e Ana passarem pela primeira vez sua idéias para o vinil, depois de três anos de shows pelas casas noturnas paulistanas.

Fim de 86. Dos alto-falantes dos rádios, continua a jorrar a verborragia de Renato Russo. O RPM descansa. No Rio, oito rapazes se acotovelam nos estúdios da WEA, para a gravação daquele que seria o seu terceiro LP. Adeus, lirismo. Adeus, poesia. Adeus, romantismo. "AA UU" "O que

Geraldo Luis Gomes- Azul

Gueto (à esquerda) *e Violeta de Outono* (abaixo), *as revelações de 86, na opinião — respectivamente — da crítica e dos leitores de BIZZ*

Nelie Solitrenick Abril

Claudia Dantas Azul

Rui Mendes Azul

não é o que não pode ser que não é o que não pode...'' ''Porrada!'' Depois do lançamento de *Cabeça Dinossauro*, dos Titãs, o rock nacional deu outra guinada. A reação incial da mídia é de cautela o risco é muito grande. Em primeiro lugar, o grupo não tem uma figura central. Muito pelo contrário, faz questão de se apresentar sempre como banda. As letras são críticas ferozes a tudo e a todos Estado, Igreja, polícia, família etc. etc... O som varia de faixa para faixa é difícil definir o estilo. Qual será a reação do público?

''Porrada!'' O público canta junto com Arnaldo, em mais um dos irrepreensíveis shows da banda. Nos primeiros meses de 87, disco e show já são sucesso absoluto. As rádios deitam e rolam em cima da diversidade das faixas, e transformam em sucesso coisas como ''AA UU'', ''O Que'' e ''Homem Primata'' Um sopro de energia punk chacoalha a mesmice pasteurizada das FMs. Estamos no caminho certo?

Blitz, Ultraje, RPM, Legião, Titãs. As muitas fases e as muitas faces do nosso rock. Uma seqüência que indica a lenta conquista da maturidade dos nossos músicos, da mídia, do público. Qual o próximo passo? Há tempo para mais algum estouro em 87? Como se sairão os órfãos do RPM agora que é anunciado o fim do grupo, com o provável lançamento de Paulo Ricardo em carreira solo...

As possibilidades são muitas e apontam em várias direções. Há o som influenciado pelas bandas pós-punk inglesas caso do Violeta de Outono, revelação de 86, segundo os leitores de BIZZ. Caso também do Finis Africae, outra banda de Brasília que parte para o estrelato. Há ainda o hip hop do Gueto, o hardcorl metal dos Ratos de Porão, ou as reformulações de bandas antigas como o Metrô, agora sem Virgínia, ou os Heróis da Resistência, do ex-Kid Abelha Leoni. A lista é imensa, e abrigaria ainda Engenheiros do Hawaii, Cabine C, Patife Band, Picassos Falsos, Hojerizah, Fellini, Akira S, Defalla, Sexo Explícito etc. etc... Alguém aí tem uma bola de cristal?

Marisa Adán Gil

Qual será o próximo estouro do rock nacional? Entre os possíveis candidatos, os brasilienses do Finis Africae e o hardcord metal dos Ratos de Porão. Façam suas apostas...

DISCOGRAFIA SELECIONADA

PRÉ-HISTÓRIA

Anos 60 (Coletânea, 73) — **Celly Campello**
Ronnie Cord (60) **Ronnie Cord**

JOVEM GUARDA

É Proibido Fumar (64) — **Roberto Carlos**
Jovem Guarda (65) — **Roberto Carlos**
Isto É Renato & Seus Blue Caps (66) — **Renato & Seus Blue Caps**
A Festa do Bolinha (66) — **Trio Esperança**
Você me Acende (66) — **Erasmo Carlos**
Tempo de Amor (66) — **Wanderléa**
O Bom (67) — **Eduardo Araújo**
Roberto Carlos Canta para a Juventude (67) — **Roberto Carlos**
Para os Jovens Que Amam os Beatles, os Rolling Stones e Os Incríveis (Coletânea, 82) — **Os Incríveis**

TROPICÁLIA

Tropicália ou Panis et Circencis (68) **Vários**
Os Mutantes (68) **Mutantes**
Gilberto Gil (68) **Gilberto Gil**
Caetano Veloso (68) — **Caetano Veloso**
Gal a Todo Vapor (71) — **Gal Costa**
Jards Macalé (72) — **Jards Macalé**

ANOS 70

A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado (70) — **Mutantes**
Som Imaginário (70) — **Som Imaginário**
Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta: Sessão das Dez (71) — **Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Míriam Batucada e Edi Pacheco**
Vanguarda (71) **A Tribo, Equipe Mercado, Módulo Mil e Som Imaginário**
Hoje É o Primeiro Dia do Resto de Sua Vida (72) — **Rita Lee**
Krig-Ha Bandolo (72) — **Raul Seixas**
Acabou Chorare (72) — **Novos Baianos**
Presente, Passado e Futuro (72) — **Sá, Rodrix & Guarabira**
Secos & Molhados (73) — **Secos & Molhados**
Pérola Negra (73) — **Luís Melodia**
Gita (74) — **Raul Seixas**
Atrás do Porto Tem uma Cidade (74) — **Rita Lee**
Lóki? (74) — **Arnaldo Baptista**
Criaturas da Noite (74) — **O Terço**
Tudo Foi Feito pelo Sol (74) — **Mutantes**
Snegs (74) — **Som Nosso de Cada Dia**
Revólver (75) — **Walter Franco**
Fruto Proibido (75) — **Rita Lee**
São Paulo — 1554/Hoje (76) — **Joelho de Porco**

ANOS 80

Clara Crocodilo (80) — **Arrigo Barnabé**
Beleléu — Isca de Polícia (81) **Itamar Assumpção**
Grito Suburbano (82) — **Inocentes, Olho Seco e Cólera**
Aventuras da Blitz (82) — **Blitz**
"Angra" (Compacto, 82) — **Agentess**
"Inútil" (Compacto, 83) — **Ultraje a Rigor**
"Sou Boy" (Compacto, 83) — **Magazine**
Gang 90 & Absurdettes(83) — **Gang 90 & Absurdettes**
Camisa de Vênus (83) — **Camisa de Vênus**
Crucificados pelo Sistema (83) — **Ratos de Porão**
O Ritmo do Momento (83) — **Lulu Santos**
"Menina Veneno" (Compacto, 83) — **Ritchie**
Ronaldo Foi pra Guerra (84) — **Lobão e os Ronaldos**
Voluntários da Pátria (84) — **Voluntários da Pátria**
O Passo do Lui (84) — **Paralamas do Sucesso**
Seu Espião (84) — **Kid Abelha & Abóboras Selvagens**
Maior Abandonado (84) — **Barão Vermelho**
Mudança de Comportamento (85) — **Ira!**
Revoluções por Minuto (85) — **RPM**
Legião Urbana (85) — **Legião Urbana**
Ao Vivo no Mosh (85) — **Smack**
Não São Paulo I (85) — **Akira S, Chance, Muzak e Ness**
O Adeus de Fellini (85) — **Fellini**
Cabeça Dinossauro (86) — **Titãs**

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ ESPECIAL

ÍDOLOS DO ROCK

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar (Milão), Cesar G.Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)

Colaborador
Texto: Marisa Adán Gil
Revisão e Preparação de texto: Crivo Editorial Ltda.
Arte: Renato Yada, Angelo Asson (diagramadores)

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lídia Camarate (Rio), Carlos Eduardo Munhoz, Claudia Rosenthal, Márcia Andrade, Marlene Orlovas (São Paulo)
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 8.º - 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Gerente: Auta Rojas Barreto - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora-Circulação: Vera Helena Mirandez Gomes
Promoção: Fernando Mendonça (Rio)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida G. Almeida

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

Ídolos do Rock n.º 27-I, edição especial de **BIZZ,** é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Data de Circulação: novembro/87. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CAPITAL INICIAL

INDEPENDENCIA

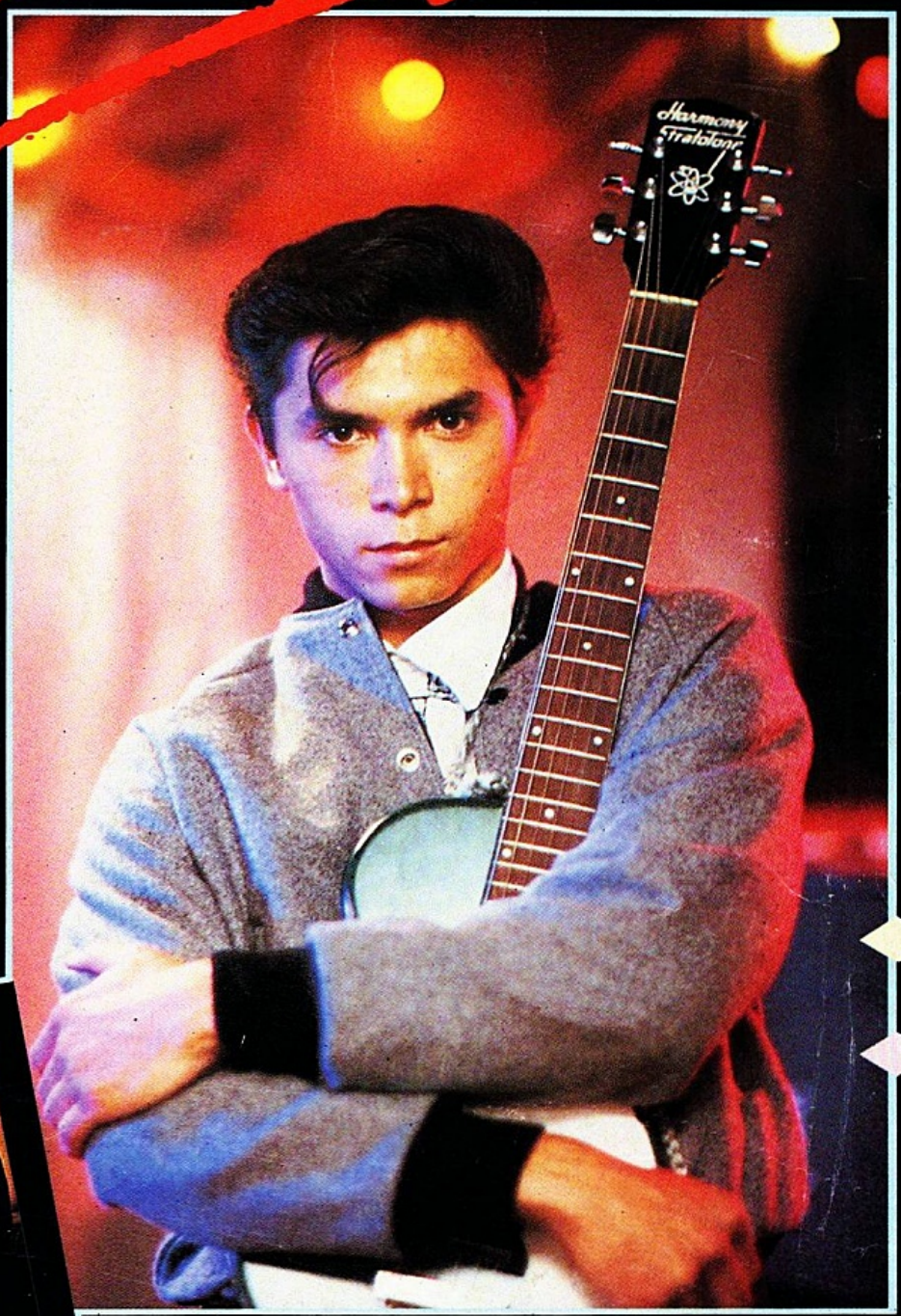
EM DISCOS E FITAS

PolyGram

JÁ NAS LOJAS

A TRILHA SONORA A PROVA DE TEMPO

La Bamba



La Bamba é o disco mais vendido em vários países do mundo por motivos óbvios.
La Bamba é a história do Rock Americano com "H" maiúsculo, sem purpurina, sem blá-blá-blá.
La Bamba é um jarro de adrenalina derramado por Ritchie Valens nas veias pulsantes do Rock'n Roll.

Gravado e mixado em processo digital, La Bamba conta essa louca história com os seguintes personagens:
Los Lobos, Bo Diddley, Howard Huntsberry, Brian Setzer e Marshall Crenshaw.

Em discos e fitas PolyGram